

As imediações da paixão na pesquisa: do amor latente ao desejo potente

*Carolina Ramos Nunes*¹

Resumo

Este artigo trata de articulações entre a paixão cega e o amor consolidado diante de um problema de pesquisa desde a abordagem metodológica até a delimitação conceitual e de trajetória da pesquisa. Tramando a metodologia com a delimitação de um problema e visibilidade de percursos fortuitos ou não a serem trabalhados no período de dois anos do mestrado, o desejo de pesquisar vincula-se á necessidade de escrever aquilo que foi escrito só que por um viés outro, criando um universo para deleite enamorado.

Palavras-chave: pesquisa, metodologia, paixão e percurso.

ISSN: 2175-2346

¹ c_nunesra@hotmail.com

Na parte inferior do degrau, à direita, vi uma pequena esfera furta-cor, de quase intolerável fulgor. A princípio, julguei-a giratória; depois, compreendi que esse movimento era uma ilusão produzida pelos vertiginosos espetáculos que encerrava. O diâmetro do Aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava aí, sem diminuição de tamanho. Cada coisa (o cristal do espelho, digamos) era infinitas coisas, porque eu a via claramente de todos os pontos do universo.

Jorge Luis Borges

Diante de um universo de pesquisa, do meu Aleph tal como o de Borges, que se abre e ilumina sob um ponto abaixo de uma escada, com todos os desejos latentes de saborear, adentrar, pesquisar com afinco por longos (não tanto) dois anos questiona-se: como escolher com sabedoria qual escada sentar-se para olhar as estrelas?

E é sobre o mapa constelar de amores que consiste esse escrito: onde entre o amor e a pesquisa, a dor e a escrita, a serendipiti e a resiliência¹ desenvolve-se um norte na Disciplina de Seminário de Pesquisa I, parte I, para que o namoro com o problema a ser pesquisado seja consistente e torne-se um e casamento ou no mínimo um grande e inesquecível amor.

Sobre a paixão: um amor quase cego

Como pesquisar sem se apaixonar, ou melhor, sem ficar cego pelo amor que te mordisca as bordas e modifica aos poucos, onde a cada dia admiras entre prantos e alegrias aquilo que te consome? Desde a definição de aquilo que se pesquisará, até os livros que te acompanharam pelo longo de anos, a escolha deve ser tal qual como quem escolhe um amor, há coisas de que se tem certeza do que se procuram outras só viram com o longo tempo de imersão e convívio.

Este escrito trata de uma paixão, pelos olhos de uma apaixonada, mas consciente de cada diferença que pode corroer esta relação, e ciente que por mais arrebatadora que seja, toda paixão vira amor e merece ser cultivada como tal.

A proposta da pesquisa para o mestrado em Artes Visuais na linha de Ensino das Artes Visuais inicia-se com esta paixão, abraçando todos os afetos narrados no Seminário de Pesquisa I e adicionando outros tantos, amorosos, espinhosos, molhados de lágrimas e suor, da paisagem que passa rápido pela janela e da janela que parece não conter mais o espaço da arte: escorre-me pelos poros.

As nuances citadas do amor que a pesquisa nasce estarão imbricadas nas páginas da dissertação, onde o processo cartográfico, fundamentando em leituras da autora Sueli Rolnik (2007), optada como um viés de metodologia e desdobrado nos procedimentos de pesquisa, criando uma narrativa, articulando os conceitos e fazendo deste um processo que

¹ Serendipiti: estar aberto para descobrir prosperidades ao acaso na pesquisa; Resiliência: adaptação ao percurso diante de suas mudanças e elasticidades. Ambos os conceitos foram trabalhados pela Prof^a Rosângela Cherem para articular amor e pesquisa.

(...) tem uma história, que tem página engraçadas, alegres, divertidas e outras que são difíceis, pesadas e tristes. Aprendemos com todas elas e não são lições de consumo imediato, pelo contrário serão incorporadas na nossa vida. No limite, nós somos o maior objeto da tese, pois enquanto sujeitos dela vivemos um embate de forças internas e externas que nos ensina muito sobre nós mesmos. (FREITAS, 2006, p.225).

Exemplifica-se o percurso como uma proposição fluida dentro da pesquisa, permitindo adentrar de corpo e alma no campo e na escritura, onde De Martino (2003) define o seu trajeto como "aquoso, no qual ao inventar um barco com o intento de perseguir as nuances entre o cheio e o vazio, percorri vastas extensões líquidas e terrestres." (DEMARTINO, 2004, p. 06) onde por dentro deste barco que é a pesquisa, narra que "excursionei por um território que era o próprio mapa, percebendo que a minha embarcação também fazia parte da carta geográfica, pois também havia se tornado uma ilha flutuante...", (DEMARTINO, 2004, p. 06).

A morte necessária para a pesquisa

Em alusão a mosca que Duras (1994) escreve, morrendo lentamente no centro de sua cozinha tendo por carpideira a própria escritora, creio estar vivendo no interior da mosca, cujo cada órgão para lentamente, como se cada uma das facetas de seus dois olhos fossem pouco a pouco, um por um apagando-se, e eu, ali dentro e fora, imersa e observadora da morte deste micro ser no universo, flutuando.

A morte da mosca é notar o inotado, ou notável, porém diminuto: é escavar no fundo da paixão pela pesquisa uma tensão e então desenrolar os fios da malha que a compõe. Assim a pesquisa conduz-se na Fundação Cultural Badesc, na mediação e na constelação formada pela Galeria Pedro Paulo Vecchietti, Museu Victor Meirelles e Museu da Escola de Santa Catarina, morrendo aos poucos como todas as estrelas no céu, e narrando a morte por meio de palavras que são muito mais que a própria essência de ser, são ecos propositivos que tocam e ressoam naqueles que lerem aquilo que me mata-divide escrever.

Mas porque da morte falar? O que Duras (1994) propõe ao olhar e descrever com tal atenção a morte de uma pequena mosca em sua cozinha, senão o mesmo que eu ao pensar a mediação em espaços expositivos em uma cidade, criando um percurso, permitindo andarilhar pelas nuvens que são as mesmas que eu e você vemos?

A escolha do método implica tanto em aceites quanto posicionamentos de negação á escolha, sendo que a pesquisa torna-se algo vivo, que permite atravessar o pesquisador – sem pedir autorização, onde pelo processo cartográfico, as decisões implicadas durante corroboram com todo o processo, permeando o cerne da pesquisa.

A produção do conhecimento não é um empreendimento isolado. É uma construção coletiva da comunidade científica, um processo continuado de busca, qual cada nova investigação se insere, complementando ou contestando contribuições anteriormente dadas ao estudo do tema. (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 27).

Conforme Alves-Mazzoti (2006), pesquisar seria uma construção na coletividade, mas ainda sim dentro desta problematização, atenta-se para como a investigação está dentro do coletivo e ao mesmo tempo abre-se ao coletivo, fomentando pesquisas a partir dela, deixando pontas a serem tramadas com outras perspectivas. Sendo assim, nota-se na forma de escrever de deMartino (2004) e até mesmo de Alves-Mazzoti (2006), ao mesmo tempo que uma defesa ao seu objeto de pesquisa, uma fundamentação teórica que lhes dão suporte bem como articulam suas ideias com outros autores sem que estes sejam jogados ao meio da escrita.

Neste sentido de escritura com as leituras converge com a perspectiva da proposta da pesquisa sobre o conceito Mediação. Conforme Martins (2012), a mediação seria não o ato de criar pontes, mas sim de ficar entre. Este entre, contudo, é mais amplo que criar um espaço de conversa, é provocar a conversa confluindo a pesquisa com aqueles outros autores que já falaram de algo semelhante. Faz-se assim retomar que a mesma pesquisa pode ser vista por dois pares de olhos diferentes e assim sairá diferente, bem como será avaliada por bancas com olhares outros, sendo, portanto fundamental que a escritura seja de concordância e clareza com os propostos no projeto de pesquisa e no percurso da mesma, mas também dando a identidade de quem a escreve, como mediar uma obra, ou exposição – a provocação muda de acordo com a turma, com o dia, com o mediador e com o ar que se irá respirar em frente dela.

Um pouco da pesquisa

A produção intelectual é artilosa, por ser flutuante e escorregadia. Ela oscila e tem caprichos. O que chamamos de inspiração é a capacidade de reter e ampliar, com um toque próprio e único, um flash ou um insight, uma coisinha de nada que atravessa o nosso pensamento e pode fugir. Porém boa parte dessa inspiração é fruto da nossa capacidade de concentração, de disciplina, de esforço mental e até de teimosia. Precisamos não de um dia bonito de céu azul, mas de boa dose de paciência para produzir alguma coisa interessante, para organizar os raciocínios, e transformar barro em tijolos e tijolos em casas. (FREITAS, 2006, p. 220).

Mediar pode ser “dividir ao meio; mear. Tratar ou discutir como mediador. Estar no meio; distar igualmente. Ser mediador ou medianeiro.” Português (2016). Ou ainda pode ser como “Um livro aberto é, também, a noite.” p.30, Duras, (1994). Noite aberta de vazios infinitos de possibilidades. Cada um dos seus significados leva a perspectiva de mediação em museus para um potencial diferenciado na relação entre os elementos a serem mediados.

Mas onde está esta inspiração que moveria a atenção do céu azul para o campo de pesquisa real no centro histórico da cidade cultural? Não seria além de muita inspiração alimentada por paixão uma busca incessante por necessidade de escrever aquilo que rodeia o objeto de pesquisa e a si mesmo? Tal como conversa De Martino (2004), em sua dissertação ao falar da permissão que deu a si mesma para traçar seus caminhos entre o seu objeto de pesquisa e metodologia falando do mesmo único que a tormentava e buscou assim pesquisar gerando e gestando um acontecimento?

O que se media em uma instituição cultural? Antes desta questão podem vir

outras tantas como: Como se media? Há forma correta de se mediar?² Quem media e quem é mediado? Mas antes ainda destes questionamentos, faz-se necessário pensar sobre as várias linhas que escapam da meada e que formam o mesmo novelo. Diante deste escape necessário e articulado, para que o ato não se torne uma fuga ao objeto pesquisado, neste caso a mediação, torna-se fundamental deixar claros a metodologia e os instrumentos a serem utilizados na pesquisa, neste caso abrangendo a diversidade encontrada em quatro instituições culturais, na ampla gama de conceituação e pesquisa sobre o tema além de escolha e delimitação de um recorte teórico poético que faça fundamento ao texto posterior a ser escrito.

Assim, a mediação estabelece-se entre o público, artista, obra e atravessa a figura do mediador e do professor de artes. A mediação e o espaço da arte educação em instituições culturais foram problematizados e articulados de diferentes formas conforme o ensino de artes em consonância com a necessidade de formação de público para instituições culturais. Entre o espaço cheio de constantes pesquisas e abordagens de pesquisa e o vazio da necessidade de pesquisa e percurso entre as instituições citadas, definem-se escopos outros a conversar com o conceito central de mediação como a narrativa poética, o acontecimento e o percurso propositivo.

Contudo o estabelecimento destes nortes conste antes de tudo em considerar variantes que vão desde o espaço disponibilizado para a pesquisa até o espaço de tempo a ser dedicado dentro de dois anos para a mesma, permeando assim uma ousadia e risco ao propor-se mergulhar em um projeto, bem como

(...) o trabalho acadêmico vai necessariamente incluir a pesquisa, a investigação, a ousadia e o risco de não apenas repetir as ideias de outros, mas também desenvolver as suas próprias e posteriormente ajudar na construção das de seus alunos. (FREITAS, 2006, p. 216)

Para fins de ousadas definições, e viabilizando a pesquisa em sua diversificação e necessidade de enquadramento metodológico, criou-se um percurso a ser desenvolvido entre quatro instituições separadas por duas quadras, formando o desenho da Constelação de Órion – Museu Victor Meirelles, Galeria Pedro Paulo Vecchietti, Museu da Escola de Santa Catarina e Fundação Cultural Badesc. A constelação metafórica escolhida, Órion, permite a atenção para as pontas de seu quadrilátero sem deixar de considerar a existência de outras coordenadas culturais que ocorrem neste entre-meios, formando outros escopos de possibilidades de pesquisa.

Não obstante, como ocorrem as mediações neste entre, estando em consonância com público, artista, espaço expositivo e equipe de arte educação, conectando as perspectivas de forma que um roteiro seja criado sem que haja amarras ambas as tensões das partes componentes deste percurso?

Sendo esta a pergunta inicial de dois anos, ou agora só um ano e meio de pesquisa, desejo que a morte tanto das estrelas como de mim mesma como mosca parada no meio da cozinha, se faça potente e articulada com tudo aquilo que foi proposto, e caso não seja, que o amor fale mais alto e deixe-se andarilhar por cada percurso apaixonadamente traçado.

2 É relevante pontuar que a presente pesquisa que se desdobra em seu percurso cartográfico acerca da mediação, não consiste em avaliação sobre o certo e errado nos processos mediativos, mas sim propõe percursos propositivos a fim de que a temática seja problematizada na escrita da dissertação.

Referências

ALVES-MAZZOTTI in BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (Org.). A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.

FREITAS in BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (Org.). A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.

BORGES, Jorge Luis. O aleph (1949). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DE MARTINO, Marlen Batista; CAMPOS, Cynthia Machado. Do vazio ao labirinto: o espaço e a arte contemporânea: uma história das sensibilidades e percepções sobre o espaço através da arte contemporânea. 2004, 116 p. Dissertação (Mestrado), UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

DURAS, Marguerite. Escrever. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PORTUGUÊS, Dicionário Online de (Ed.). Mediação: Significado de Mediação. 2016.

Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/mediacao/>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. 2ª Edição. – São Paulo: Intermeios, 2012.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2007.